

Micropolíticas, cartografias e heterotopias urbanas: deriva teóricometodológicas sobre a aventura das (nas) cidades contemporâneas

RAFAEL ESTRADA MEJÍA*

Resumo

A que nos referimos quando falamos de micropolíticas, cartografias e heterotopias urbanas? Quais são suas contribuições e implicações em relação à antropologia das (nas) cidades contemporâneas? Neste trabalho evidencio que a prolífica distorção destes conceitos teria potencializado a sustentação de um regime identitário nos processos de subjetivação. Rastreio seu uso e enfatizo sua relação com a alteridade, entendida como o campo de forças vivas que nos atingem e se apresentam em nossos corpos por meio de sensações, isto é, a “presença viva” com a qual é possível criar nossos “territórios existenciais”, requisito para que deixe por fim de constituir um mero objeto de “projeção de imagens preestabelecidas”. Procuro em seguida indicar a relevância tanto teórica quanto pragmática dos mesmos a partir de uma revisão bibliográfica que privilegia uma linha de pensamento, suspeitamente esquecida, que navega na contramão do *mainstream* da antropologia, apesar de suas profundas expressões no Brasil desde pelo menos a década de 1980.

Palavras-chave: Antropologia urbana, Metodologia, Alteridade, Subjetividades.

Micropolitics, cartography and urban heterotopy. Theoretical-methodological drifts about adventure of (in) contemporary cities

Abstract

What do we mean by micropolitics, cartography and urban heterotopy? What are their contributions and implications with respect to the anthropology of (in) contemporary cities? In this work I highlight that the prolific distortion of these concepts have sustained the maintenance of an identitary regime in subjectivation processes. I track its use and highlight its relation with otherness, seen as a field of living forces that afflict us and exist in our bodies by means of sensations; i.e., the “living presence” with which it is possible to create our “existential territories”, a requirement for one to no longer be a mere object of the “projection of pre-established images”. Next, I attempt to indicate both their theoretical and pragmatic relevance on the basis of a literature survey that favors a suspiciously forgotten line of thought that goes against the mainstream of anthropology, despite its profuse expression in Brazil since at least the 1980s.

Key words: Urban anthropology, Methodology, Otherness, Subjectivities.



* **RAFAEL ESTRADA MEJÍA** é Doutor em Antropologia Social. Pesquisador colaborador, credenciado pelo Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bolsista de Pós-doutorado Júnior do CNPq, Brasil. Email: patiancho@yahoo.com.br

Prelúdio

As cidades não comportam apenas uma dimensão macropolítica, mas micropolítica. O espaço urbano não só é atravessado por segmentos binários: classes sociais, gêneros, gerações, espacialidades, etc., ele implica também uma função subjetiva. As cidades nos interpelam, acionando e modelizando intensidades, perceptos, suvenires. A *aventura* própria das cidades consiste em produzir um espaço feito de exterioridades, compreende a experimentação ampliada e intensificada da alteridade, um devir estrangeiro de cada um, um interstício subjetivo (GUATTARI, 1992; CAIFA, 2002, 2007). A alteridade aqui consiste na “presença viva com a qual construímos nossos territórios existenciais”, e não mero “objeto de projeção de imagens preestabelecidas”. Portanto, é indispensável apreendê-la “em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações” (ROLNIK, 2011: 12).

As cidades conjurariam e antecipariam a forma-Estado possibilitando uma *aventura* que fugiria à axiomática capitalista (DELEUZE; GUATTARI, 1994: 433-482; CAIAFA, 2002: 18-20; CAIAFA, 2007: 25; 122-125).

“A cidade é o correlato da estrada. Ela só existe em função de uma circulação e de circuitos; ela é um ponto assinalável sobre os circuitos que a criam ou que ela cria. Ela se define por entradas e saídas, é preciso que alguma coisa aí entre e daí saia. Ela impõe uma frequência. Ela opera uma polarização da matéria, inerte, vivente ou humana; ela faz com que o *phylum*, os fluxos passem aqui ou ali, sobre as linhas horizontais. E um fenômeno de *trans-consistência*, é uma *rede*, porque ela está fundamentalmente

em relação com outras cidades. Ela representa um limiar de desterritorialização, pois é preciso que o material qualquer seja suficientemente desterritorializado para entrar na rede, submeter-se à polarização, seguir o circuito de recodificação urbana e itinerária” (DELEUZE; GUATTARI, 1994: 440).

Deste modo, as cidades e os processos de subjetivação podem devir um campo de criação e experimentação, onde a micropolítica, a cartografia e as heterotopias constituiriam conceitos úteis para antropólogo como micropolítico ou cartógrafo. Com esse intuito me impus neste artigo o desafio de rastreá-los, de indagar sobre sua emergência, de acompanhar seus desdobramentos e consequências, à maneira de uma proposta exploratória¹.

Micropolítica e cartografia: Conceitos com um substrato etnológico

Micropolítica² é uma das mais singulares e poderosas categorias utilizadas por Félix Guattari e Gilles Deleuze principalmente no seu trabalho conjunto *Mille plateaux. Capitalisme et schizofrénie* (1980). Esta categoria, bem como a de cartografia, despontará ao longo das pesquisas de Guattari. No Brasil retumba desde a década de 1980, sendo amplamente explorada por Suely

¹ Este artigo surge da minha pesquisa pós-doutoral intitulada *Cidades heterotópicas e viajantes forçados. Esboços cartográficos e fantasmagorias urbanas* que realizo junto ao Departamento de Antropologia da UNICAMP, sob supervisão da professora Suely Kofes e com o auspício financeiro do CNPq.

² Referências à micropolítica (= cartografia, esquizoanálise, rizomática, pragmática) podem consultar-se em: Deleuze e Guattari (1978); Deleuze e Parnet (1980); Deleuze e Guattari (1985: 283-392); Deleuze e Guattari (1994: 9-32 e 213-237); Deleuze (1995: 33 e ss, 53-57, 140-141).

Rolnik tanto nas pesquisas em colaboração com o próprio Guattari quanto nas suas propostas em particular.

Para Deleuze e Guattari (1994: 213) os termos micropolítica, cartografia, esquizoanálise, estratoanálise, rizomática e pragmática são sinônimos e funcionam como platôs, zonas de intensidade contínua, isto é, linhas ligadas a determinadas dimensões de multiplicidades: linhas de fuga, círculos de convergência, cadeias moleculares, estratos, etc. A micropolítica não pretende devir uma ciência nem conhece a cientificidade ou a ideologia, mas apenas agenciamentos maquínicos de desejo e coletivos de enunciação (DELEUZE; GUATTARI, 1994: 27).

A micropolítica, antes de tudo, repousa sobre uma concepção singular do corpo e do desejo. Um corpo não se restringe a um organismo. Da mesma maneira, o espírito de um corpo não se reduz à alma do mesmo. O espírito não é melhor, porém é volátil, enquanto a alma é gravífica, centro de gravidade (DELEUZE; GUATTARI, 1994: 372). Por conseguinte, não se trata do corpo da medicina ou do *fitness*, mas do corpo no sentido espinosista, nietzscheano. Isto é, por um lado, o corpo apreendido na sua capacidade de afetar e ser afetado, na sua dupla dimensão de atração e repulsão. Por outro lado, trata-se de um corpo entendido como uma relação entre forças ativas e reativas. Qualquer relação de forças é o que define um corpo: químico, biológico, social, político.

Deleuze e Guattari (1994: 213-237) reinventam o conceito de segmentaridade, fabricado pelos etnólogos que, ao se interessar no estudo das denominadas sociedades primitivas, sustentavam que elas não contavam com um aparato de Estado central, instituições políticas

especializadas, um poder global, em contraposição as sociedades estatais. Contudo, conforme eles, não apenas as sociedades “primitivas”, mas as estatais (inclusive os Estados modernos) gozam de sua própria segmentaridade, que procuram inclusive impor. Igualmente, o Estado se exerce nos segmentos que sustenta e deixa subsistir. Portanto, as diferenças não se devem estabelecer entre o segmentário e o centralizado, em função que este último constitui tão só uma forma de organização baseada em um tipo de segmentaridade dura. Não há, conseqüentemente, razão para opor os termos central e segmentário. Mais do que enfrentar estes dois termos, deve-se distinguir dois tipos de segmentaridade: uma “primitiva”, flexível, isto é, molecular, e outra “moderna”, dura, molar, ou seja, macropolítica (DELEUZE; GUATTARI, *ibidem*). É fundamental salientar que “macro” e “micro” não se referem a grande e pequeno nem tampouco a Estado e sociedade em oposição a casais ou grupos pequenos. Essa diferenciação está relacionada com um funcionamento que só ativa a relação com a alteridade, com o mundo, como uma projeção de nossas representações que a posiciona fora de nós, (macropolítica) e uma subjetividade processual, vulnerável a presença do outro.

Igualmente, macro é a política do plano gerado pela linha dos territórios, isto é, aquela que configura o mapa, onde se esboça um encontro de territórios, “imagem da

objetos, unidades de tempo (ROLNIK, 2011: 60). Ao contrário, micro é a política do plano gerado pela linha dos afetos, primeiro movimento do desejo (ROLNIK, 2011: 31), linha das intensidades não subjetivadas, determinadas por agenciamentos (DELEUZE; GUATTARI, 1994: 513-515) que o corpo produz e, portanto, são inseparáveis de suas relações com o mundo (ROLNIK, 2011: 61).

Estamos segmentados por todas as partes e em todas as direções. A segmentaridade constitui, por conseguinte, uma característica de todos os estratos que nos conformam: habitar, circular, trabalhar, brincar, etc. O vivido está segmentado espacial e socialmente: a casa, por exemplo, segundo a utilização dos cômodos; as ruas, conforme a ordem das cidades; as fábricas, de acordo com a natureza dos trabalhos e operações. Os segmentos podem ser do tipo binário, segundo correspondam a classes sociais, gênero, etapas do ciclo de vida, ou do tipo circular, isto é, círculos cada vez mais amplos vão se configurando, a saber: bairro, cidade, país, mundo. Porém, há também segmentos lineares, ou seja, cada segmento abrange um processo ou episódio, de maneira que apenas finaliza um começa o outro: família, escola, exército, fábrica (DELEUZE; GUATTARI, 1994: 213). Enfim, a micropolítica não se propõe simbolizar, interpretar ou representar nada, mas esboçar cartografias. Seu objeto implica o estudo dos perigos inerentes a cada uma destas linhas: o medo, a claridade, o poder, o desejo de matar e morrer (DELEUZE; GUATTARI, 1994: 230).

Ecos da micropolítica e da cartografia no Brasil

Quanto à micropolítica e cartografia como categorias metodológicas ou de pensamento, é evidente sua ressonância

no Brasil (e na América Latina), sobretudo, no campo da psiquiatria³. Infelizmente nos estudos antropológicos ela é (suspeitamente) restrita⁴. O *mainstream* da antropologia parece dar sinais de intoxicação ou por identidades locais fixas, encarnadas em minorias étnicas, sexuais, raciais, religiosas, nacionais ou, então, por identidades globais flexíveis, como se não percebesse que do que se trata é de liberar a alteridade do confinamento identitário, possibilitando, assim, processos de criação existencial e de singularização, agitados pelos acontecimentos (ROLNIK, 1997: 19-24), pelo *occursus* (SPINOZA, 1990: 121). Uma pista para ativar o corpo vibrátil (ROLNIK, 2011) é cantar as “simpatias” à maneira de Whitman, ou seja, cantar as relações que se criam no exterior (DELEUZE, 1996: 95); “sentir com”, nem identificação nem distanciamento, “é na direção de uma *simpatia* nos agenciamentos de campo e de uma *polifonia radical* na escritura que a etnografia poderia realizar-se com mais força.” (CAIFA, 2007: 175).

Em relação aos ecos da micropolítica e da cartografia, o livro *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo* (1989), de Suely

no âmbito da cartografia como método de pesquisa dos processos de subjetivação, correspondem ao trabalho intitulado *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (2009), organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia que infelizmente por razões de espaço não abordarei.

Cartografia Sentimental: Uma cartografia dos afetos

Este trabalho é uma prospecção cartográfica que traz à tona os movimentos de resistência das mulheres a uma sociedade disciplinar, a um regime fordista característico do capitalismo industrial. Como consequência dessa exploração brotariam 24 (25) noivinhas, figuras femininas da subjetividade, fabricadas entre 1950 e 1990, que implodiriam no coração do desejo, o modo de vida burguês e sua política identitária, em simultaneidade com o nascimento de uma subjetividade flexível (ROLNIK, 2011: 14-15): a aspirante a noivinha, a hippie, a militante, a tropicalista, a liberada, a alternativa, a feminista, a antropófaga, o cartógrafo em si, entre outras. Na primeira parte, Suely concebe uma pragmática do desejo como processo de produção e não de repressão. Na segunda, quando o cartógrafo já está pronto, ele sai à procura do tempo desterritorializado das noivinhas.

Como e quais os instrumentos utilizados nesta cartografia? A caixa de ferramentas da Suely Rolnik (2011: 224-227) inclui os mais diversos artefatos, câmera, filmes, vídeos, emissões televisivas, discos, jornais, revistas, conversações gravadas em dispositivos de gravação ou na memória, indispensáveis para rastrear os movimentos visíveis de desejo das

figuras da subjetividade feminina (as 24 noivinhas). Já para acompanhar os movimentos invisíveis de desejo dessas subjetividades, foi imprescindível ficar atento ao fator de afetação (ativação) variável. Foi necessário também contar com um “diário de bordo” para registrar as cartografias esboçadas ao longo da expedição. Além disso, Suely recorreu ao “manual do cartógrafo” que estabelece como critério fundamental o grau de intimidade que *qualquer um* (*eu = qualquer um*, obrigado Nelson da mágica distância!) se permite a qualquer momento com o caráter finito ilimitado da existência humana desejante. O cartógrafo teve como fundamento extramoral expandir a vida, sua regra básica foi nunca esquecer que haveria um limiar de desterritorialização possível a cada momento da existência. Sua carta de navegação, indagar pelas linhas de desejo que prevaleciam na cartografia da existência esboçada, e a sua relação. Após, foram determinados os afetos de que ela era capaz. Quais eram seus alimentos e venenos? Enfim, quais os bons ou os maus *encontros* que ela experimentou, isto é, quais aumentaram o diminuíram sua potencia de agir?

Heterotopia: Rastros de um conceito-itinerante

Etimologicamente a palavra heterotopia quer dizer *outro lugar*. Ela provém dos vocá

simples ou compostos que se localizam em *outros lugares* do corpo aos habituais.

Contudo, como conceito-ferramenta filosófico a palavra heterotopia foi inventada por Michel Foucault e apareceu à luz pública na primavera de 1966, por ocasião da publicação do seu livro *As palavras e as coisas*. O livro abre com a descrição de uma improvável enciclopédia chinesa inventada por Borges, na qual os animais são distribuídos em catorze classes diferentes. A “desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito”, Foucault a denomina heterotopia e a contrapõe as noções de utopia, etimologicamente não lugar, e eutopia, bom lugar, como se tende a acreditar (FOUCAULT, 1968: 3; FOUCAULT, 2009: 40).

Alguns meses após a aparição das *Palavras e as coisas*, o dia 7 de dezembro de 1966, Foucault participa, na emissora *France Culture*, de uma série radiofônica dedicada à utopia. Ele é convidado a falar sobre “Utopia e literatura”. Por ocasião deste programa, Foucault faz um uso totalmente diferente de sua noção de heterotopia. Ela se referirá a uma análise dos espaços, não dos discursos. Então, ele formularia seus seis princípios:

Primeiro, a existência das heterotopias em todas as culturas, expressas de formas diversas: colégios, quartéis, viagem nupcial, casas de repouso, clínicas psiquiátricas, prisões, asilos para anciãos. Segundo, uma heterotopia pode modificar seu funcionamento (desaparição, reabsorção ou pretensões de exterminação): bordéis, telefone, cemitério. Terceiro, as heterotopias têm o poder de sobrepor espaços incompatíveis: teatro, cinema, jardim,

tapetes orientais. Quarto princípio: as heterotopias se ligam às heterocronias: cemitério, museu, biblioteca, festa, teatro, feiras, “acampamentos” (vilas, resorts, etc.) de férias. Quinto, as heterotopias implicam sempre sistemas de fechamento e abertura específicos que simultaneamente as isola e as torna penetráveis em relação ao espaço circundante: prisões, *hammams*, saunas escandinavas, casas sul-americanas do século XVIII, motéis estadunidenses. Por fim, o mais importante, as heterotopias constituem a impugnação de todos os outros espaços: prostíbulos, colônias puritanas inglesas, colônias militares francesas, missões jesuítas no Paraguai e o navio. Essa contestação se exerceria de dois modos: inventando uma ilusão (heterotopia de ilusão) ou, contrariamente, criando outro espaço real, perfeito, meticuloso e arrumado paralelo ao nosso: desordenado, confuso, mal disposto (heterotopia de compensação). No entanto, o navio constituiria a heterotopia por excelência (FOUCAULT, 2009: 25-36). Em breve, as heterotopias ritualizam e localizam rupturas, trânsitos, crises, liminaridades, desvios (FOUCAULT, 2009: 41).

Heterotopia e desdobramentos

na *Martin Gropius Bau* (FOUCAULT, 2009: 37).

Uma nova referência à noção de heterotopia seria feita, na forma do adjetivo “*hétérotopiques*”, no curso *Le pouvoir psychiatrique (1973-1974)*, mas seria feita em relação ao poder soberano e em contraposição ao termo “isotópico”, bem como no referente à família e na sua ligação com o poder disciplinar, caracterizado também como “isotópico”, sem referir-se especificamente ao espaço (AMUCHÁSTEGUI, 2008: 427).

Des espaces autres seria depois de *Vigiar e punir*, o texto que maior repercussão teria sobre aqueles que se interessariam na temática espacial. Esse texto já foi qualificado de escorregadiço, ambíguo, algo confuso; as heterotopias também foram catalogadas como frustrantemente incompletas, inconsistentes, incoerentes. Contudo, esse texto foi igualmente objeto de variados análises e aplicações. É de ressaltar que o interesse dominante se circunscreveria ao âmbito anglo-saxão (AMUCHÁSTEGUI, 2008: ibidem). Quanto às limitações deste texto de Foucault, é assinalado que algumas ideias formuladas, a princípio, infelizmente não foram desenvolvidas, mesmo podendo ser identificados certos traços que apareceriam em trabalhos posteriores como, por exemplo, em *Vigiar e punir*. Faltaria a este texto, apesar de que apareça de maneira implícita, uma teoria do poder que permita correlacionar o espaço com as disciplinas. Desde um ponto de vista filosófico, haveria nessas conferências alusões ao estruturalismo e à fenomenologia como antecedentes posteriormente superados (AMUCHÁSTEGUI, 2008: 224).

O caráter perturbador das heterotopias (suspensão, neutralização, inversão, contradição), que aparecia em *As palavras e as coisas*, acentua-se agora nessas referências espaciais concretas. Esse caráter é o que originaria a maior parte dos escritos que se inspiram em *Des espaces autres*. Alguns desdobramentos, por exemplo, qualificariam como heterotópicos o *Palais Royal*, locais maçons, fábricas, paisagens, instalações ecológicas, cidades e edifícios pós-modernos, sites da internet, entre outros. Porém, muitos estudos entenderiam as heterotopias como espaços de resistência e transgressão, característica dificilmente atribuível às utopias localizáveis das que nos fala Foucault (AMUCHÁSTEGUI, 2008: 428).

Em outra direção, Manuel Delgado (1999; 2007) tem conseguido desenvolver uma proposta muito original e importante no âmbito da antropologia urbana (*antropologia das ruas*) recorrendo, entre outros, ao sentido de heterotopia que aparece em *As palavras e as coisas*. Sua proposta consiste, em linhas gerais, em pensar as cidades (*urbs*) como espaços praticados, desordenados, caóticos, heterotópicos, em contraposição aos espaços planejados, sonhados pelos urbanistas, conformados pelos espaços utópicos (*polis*). Deste modo, a *urbs* portaria os sinais da heterotopia, isto é, uma comunidade humana intrincada, plena de hibridações, na qual a incongruência deviria o combustível de sua ilimitada vitalidade. Sabemos que, a rigor, as heterotopias, os outros espaços, os contra-espacos, as utopias localizadas, não dizem respeito à desordem

«Elles sont la contestation de tous les autres espaces, une contestation qu'elles peuvent exercer de deux manières: ou bien, comme dans ces maisons closes dont parlait Aragon, en créant une illusion qui dénonce tout le reste de la réalité comme illusion, ou bien, au contraire, en créant réellement un autre espace réel aussi parfait, aussi méticuleux, aussi arrangé que le nôtre est désordonné, mal agencé et brouillon» (FOUCAULT, 2009: 33-34)⁶.

No referente a outros desdobramentos do conceito de heterotopia, poderia mencionar-se a análise dos espaços heterotópicos do fascismo do século XX e a contemporaneidade dos problemas dos aeroportos e a prática da confissão (AMUCHÁSTEGUI, 2008: 434-439). Já no contexto brasileiro, Janice Caiafa (2008) sustenta que os espaços do metrô em geral, e em particular do Rio de Janeiro, podem configurar uma heterotopia de compensação porque se trata de lugares ordenados, normativos, asseados que impugnam os espaços ordinários da própria cidade, levando em conta, obviamente, as especificidades de realização local.

Ritornelo

As cidades nos interpelam incessantemente, possibilitam territórios existenciais. Qual é a nossa relação atual com a cidade? Quais são as heterotopias contemporâneas? Como nos constituímos como sujeitos em relação ao urbano? Eis as questões que

se impõem a quem se propõe acompanhar a *aventura das cidades*.

Sabemos que a subjetividade circula entre grupos sociais de diversas dimensões, sua natureza é social, embora seja assumida e vivida por indivíduos com existências particulares. A maneira como eles experimentam a subjetividade oscila entre dois polos, um, o da alienação e da opressão, de acordo com o qual o indivíduo se submete a subjetividade tal como a recebe. No outro polo, o indivíduo pode viver a subjetividade segundo uma relação de criação e expressão, isto é, ele se reapropria de seus componentes, possibilitando de tal modo um processo de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 2011: 42). Esse último polo ou corpo vibrátil (ROLNIK, 2011: 11-22) tem permanecido anestesiado por causa da política de subjetivação (flexível) que nos estrutura, e que não tem deixado de exaltar até o limite o indivíduo e o princípio da identidade, o qual nos subjuga desde Aristóteles, passando por Descartes. Contudo, o *corpo vibrátil* está inscrito na memória de nosso corpo e pode ser ativado a qualquer instante.

Qual é o método e o lugar do pesquisador? O método está no movimento, nas conversações, na vida: *encontrar* singularidades e segui-las, vagar com elas, acompanhar seus passos, seus rastros, deixados, esquecidos, reconhecidos. Adicionalmente, há que lidar também com restos, silêncios, memórias e esquecimentos. O antropólogo como investigador de rastros lida com incompletudes e inacabamentos; remove camadas de terra e detritos de

experimentação é atual, experimentar diz respeito à constituição de novas cartografias, que são atravessadas por uma micropolítica, a qual produz focos de subjetivação e heterotopias que impugnam os espaços ordinários das cidades que habitamos e nos habitam.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pelo suporte financeiro, a Rogéria Rocha Gonçalves pela revisão do texto em português e a Cristina Maria da Silva pelo belo *encontro* que me propiciou com o livro de Foucault *Le corps utopique, les hétérotopies*.

Referências

AMUCHÁSTEGUI, RODRIGO HUGO. **Michel Foucault y la visoespacialidad. Análisis y derivaciones**. Tesis de doctorado. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires: 2008.

CAIAFA, JANICE. Tecnologia e sociabilidade no metrô. **E-Compós** (Brasília), v. 11, p. 1-15, 2008.

_____. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2007.

_____. **Jornadas Urbanas**. Exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro: 2002. Editora Fundação Getúlio Vargas.

DELEUZE GILLES. **Crítica y Clínica**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1996.

DELEUZE, GILLES; GUATTARI, FÉLIX. **Mil Mesetas. Capitalismo y Esquizofrenia**. Valencia: [1980]. 1994.

DELGADO, MANUEL 1999. **El animal público. Hacia una antropología de los espacios urbanos**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1999.

_____. **Sociedades movedizas**. Pasos hacia una antropología de las calles. Barcelona: Editorial Anagrama, 2007.

FOUCAULT, MICHEL. **Las palabras y las cosas**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, S.A., 1968.

_____. **Le corps utopique, les hétérotopies**. Paris: Nouvelles Éditions Lignes, 2009.

GUATTARI, FÉLIX. **Caosmose**; um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, FÉLIX; ROLNIK, SUELY. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Rio de Janeiro